

158 ACCTA
-ISA

CEDI - P. I. B.
DATA 12, 08, 1986
COD. GJ D01
980

rosto Guajá, 25 Rev.

Queridos Beto e Fany:

Faz nove dias que estou aqui e já dá para escrever algumas coisas. Senti vontade mesmo de lhes escrever, deu saudades. E vocês, como estão?

Tem 25 Guajá aqui neste posto, todos morando perto num acampamento que fizeram alguns meses atrás. Dois deles são órfãos que vieram de outra região, do rio Caru, e que passaram uns dois anos em São Luís. É com eles que estou começando a aprender a falr Guajá. Ainda não aprendi muitas frases funcionais que elicitam novas informações, mas as que aprendi estão sendo postas em uso. Só há dois dias é que eles começaram a responder o que pergunto e não simplesmente repetirem o que dizia. Os rapazes que estiveram em São Luís, como o resto, não entendem ainda que quero aprender a falar, pensam que é só curiosidade passageira, como tem sido como os chefes de posto que têm passado por aqui. Mas desde ontem que comecei a sentir progresso. Agora mesmo enquanto escrevo ouvi uma conversa e risada; perguntei o que era, ma'a? e compreendi o que me diziam, que um dos rapazes sem esposa tinha trepado com uma das mulheres do capitão. Riam todos. Já sei pergunatar para onde vão, o que querem comer e coisas assim. Ainda não sei como pergunatar o que estão fazendo. A língua Guajá é mesmo parecida com a dos Guajajara, porém tem umas estruturas gramaticais, pelo que Péricles e eu pudemos notar, que são muito diferentes. Os vocábulos são muito modificados por outros, de maneira que não se pode aprender, por exemplo, os pronomes e utilizá-los em referência a outros termos; já aí são diferentes.

Mas o que eu senti como primeiro progresso realmente foi uma noite em que os rapazes, de espontânea vontade, resolveram me contar dos "bichos", os espíritos que há pela mata. E o que fala português melhor contou uma história de um grupo que existe na mata que vem do céu, de um buraco que tem lá, que não comem mandioca, mas também não comem coco babaçu, só uma fruta a que chamaram "ma'iwa", que tanto pode ser um nome comum, como um derivado de coisa do céu, já que iwa significa céu. Mas não sei ainda, nem me preocupa dest5inchar etimologias ainda. Estou seguindo devagar.

As mulheres, que só são cinco, três das quais pertencem a um homem só, estão começando a tomar interesse por mim. Descobri a palavra para "estou triste" e daí comecei a dizer que estava triste por minha mulher, meu filho, meus pais, etc. Elas acharam isso um barato e ficaram me olhando mais pensosamente. Alguns já me indagaram de coisas que não compreendi

Outra clássica descoberta antropológica é que os Guajá realmente têm um tabu em referência a chamar uma pessoa por seu nome verdadeiro. Por isso é que adotaram de tão boa vontade o nome que o pessoal daqui lhes deu. Ante-ontem fiquei ajudando um deles a fazer farinha e fui perguntando o nome dos outros. E eles então me sussurrou os nomes dos homens. Me senti um verdadeiro xereteiro, mas muito animado comigo mesmo. Nos primeiros dias estava me sentindo um inútil total, um verdadeiro escriba, no sentido de castas de escribas que só sabe fazer isso. Não sabia nem amarrar uma corda na rede. Estou me ajeitando mais, aos poucos, sem tentar froçar a barra.

Alguns dos rapazes que me olhavam desconfiadamente estão sendo mais simpáticos. Todo dia vou ao acampamento deles e fico sentado num canto com as crianças ao meu redor falando no gravador e ouvindo sua voz depois. Aos poucos os adultos também acham isso uma brincadeira interessante e passam a ouvir suas vozes no background. Outro dia uma menina já me

Já não estão
desto dano

ofereceu um pedaço de carne e umas amendoas de coco babaçu. mas mesmo no primeiro dia que fui no acampamento uma das mulheres me deu uma braceleta de sementes de ubim. Eu fiquei muito emocionada naquela ocasião. Dois dias depois ela me pediu que trouxesse uma rede. O único enfeite que eles parecem ter comumente são essas braceletas de ubim. Uma das mulheres tem umas penas de tucano amarradas às suas braceletas. São chamadas simplesmente de takã, tucano. Um preto velho que tem trabalhado aqui desde o contato em 1974 disse que viu uma vez um índio velho que tinha uma espécie de cocar ao redor da cabeça que também era feito de penas de tucano. Parece que o tucano é o pássaro maravilha deles. Não há outros enfeites. O ex-chefe de posto trouxe uma vez umas miçangas coloridas que eles também gostam de usar como braceletas e pulseiras. Afora isso, isso as coisas deles são muito simples. O arco é grande e feito de tucum. Alguém me disse que antes de terem facão eles usavam um arco mais grosso ainda. Até agora não o vi. As flechas, quer dizer as penas são do tipo feito pelos Guajajaras e não como dos Kaapor.

Agora para a sociologia do contato interétnico. O quadro é tétrico, tanto ~~xxx~~ pelo que já aconteceu como pelo pouco caso que a FUNAI tem feito. Ainda não calculei bem quantos Guajá tinham à época do contato, em 1973.

Quer dizer, o contato com ~~xxx~~ esses daqui do Turi, pois aqueles que vivem em outras regiões, como no Caru ou no Gurupi, não se sabe ainda. De qualquer forma, ainda em 1976, o velho preto que tem aqui, que se chama Major, disse que contou no verão cerca de 91 índios, de vários grupos que vieram por aqui. Desses todos contei com certeza 28 mortos por aqui e mais uns dez que se sabe que morreram. Sobram uns 26 Guajá que deviam estar nessa região, se é que há uma coisa entre os Guajá como região. Sei que eles andam muito e inclusive reconheceram alguns dos Guajá que foram contatados por Sidney Possuelo lá no Uêru. São 25 Guajá aqui. O último escândalo que aconteceu por aqui foi em dezembro de 1979. veio a EVS vacinar os índios. Como não tinham tempo ou não quiseram ficar aqui, resolveram vacinar todos que estavam, ~~xx~~ 33, de uma vez só.eram vacinas contra tuberculose, sarampo e pólio. foram vacinados pela manhã. Em seguida um deles falou que esses brancos queriam matá-los, e isso levou-os a debandada em busca do mato. O velho Major havia falado para a EVS dar as vacinas aos poucos para irem acostumando-os com a novidade. Então, no mato os índios contraíram gripe ou mesmo talvez reação das vacinas e oito deles morreram, inclusive uma família inteira. Uns foram salvos porque o Major saiu aos matos a procura deles e trouxe dois deles já sem forças, em redes. Quando eles ficam sem forças para se levantar e comer é porque já são considerados como casos perdidos, pelo que me disse o Major. De qualquer forma, esse negócio de saúde e vacinação tem que se repensado pelo pessoal da FUNAI e por nós. Estou pensando em escrever um relatório para a FUNAI dentro de um mês quando tiver mais informações sobre a existência de outros grupos e algumas ideias sobre o que podemos e devemos fazer para a sobrevivência dos Guajá. mandarei uma cópia para vocês.

Eu estou gostando de estar aqui, apesar dos piuns que enfezam a vida de dia. Estou ainda no posto e ficarei aqui até que possa me comunicar em Guajá. Chove quase diariamente e faz um calor úmido. A comida está dando, farinha d'água, arroz, de vez em quando um feijão do INAN e sempre tem carne a vontade: paca, mutum, taçu, cotia, nambu. Sempre tem peixe quando se quer dar o trabalho de apanh-los. Os meninos são ótimos pescadores. Os rapazes que vieram de São Luis sabem atirar de espingarda e sempre vão caçar. Tem açúcar e sal, de maneira que basicamente estou comendo o suficiente. Falta uma verdura e um doce de vez em quando, até um chocolate. mas até agora nenhum desejo muito forte.

Vou deixar para continuar mais tarde. De qualquer forma esta carta só lhe chegará dentro de um mês quando o chefe de posto descer o rio para São Luis. Remeta cartas para o endereço da beta. De lá ela enviará para Araguaã quando tiver gente da FUNAI subindo o rio.

Abraço,

Mario